
Oswaldo Cruz sobe ao palco





Renata Mello





À esquerda, momento em que a casa do sanitarista é apedrejada. Ao lado, vida boêmia: Oswaldo Cruz num cabaré da Lapa

vida e a trajetória de Oswaldo Cruz cantadas num palco de teatro – numa das mais importantes casas de espetácu-

lo do Brasil, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. E no formato de ópera, gênero do qual há 45 anos não se via uma estréia no local. Trata-se de *O cientista*, que em dezembro levou milhares de pessoas ao encontro com a obra do sanitarista e contribuiu para renovar o interesse por uma forma de arte pouco difundida no país – entre os servidores da Fiocruz a procura foi tanta que a Fundação conseguiu uma récita extra da ópera no dia 18 de dezembro,

apenas para os funcionários. A produção teve um custo total de R\$ 600 mil, divididos igualmente entre a Faperj (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e a Fiocruz. De acordo com a presidente da Fundação Teatro Municipal, Helena Severo, o objetivo agora é gravar um dvd da ópera. E *O cientista* vai cruzar o oceano: estão sendo negociadas apresentações em Paris e Lisboa.

O espetáculo, que encerrou a temporada lírica do Municipal em 2006, mostra o Rio de Janeiro do início do século 20 e suas radicais transformações urbanísticas – cenário do qual Oswaldo Cruz foi um dos personagens mais importantes – em dois atos (o primeiro com 45 minutos e o segundo com 50 minutos). Segundo o diretor artístico da ópera e do Theatro, Eduardo Álvares, a idéia de criar O cientista surgiu em maio deste ano, em conversas mantidas por Helena Severo e o presidente da Fiocruz, Paulo Buss. Imediatamente Helena convocou Álvares para dar cabo da tarefa. Ele fez o roteiro e, dentro do que chama de "corrida contra o tempo", teve poucos meses para reunir toda a equipe e tornar realidade o que nasceu de uma conversa entre amigos. A música foi composta pelo maestro Silvio Barbato, o libreto escrito por Bernardo Vilhena e os cenários criados por Marcelo Dantas.



Emília, a esposa, e Oswaldo Cruz





O saxofonista Léo Gandelman toca numa cena que mostra a boemia carioca. Sales Guerra, amigo de Oswaldo Cruz, e Emília, a esposa do sanitarista

"Oswaldo Cruz foi um homem fascinante, apaixonado pela família e pela ciência, mas farrista com a mesma intensidade com que se dedicava às pesquisas", afirma Álvares, que leu centenas de cartas trocadas entre o sanitarista e sua esposa Emília, que ele chamava de Miloca, além de textos do Arquivo do Senado Federal, publicações da época e discursos, como o que Oswaldo Cruz proferiu em sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 1913. A ópera apresenta diversas facetas de Oswaldo Cruz: o homem de ciência, o homem de família e o boêmio.

Além de Oswaldo Cruz, cujo papel coube ao barítono Sebastião Teixeira, e de Emília (a soprano Claudia Riccietelli), os outros personagens principais foram o médico e amigo Sales Guerra (o tenor Marcos Lizemberg), o presidente da Re-

pública Rodrigues Alves (o baixo Lício Bruno) e a "mulher" (a mezzo-soprano Luciana Bueno), que na ópera representou as damas dos cabarés da Lapa - casas que o cientista costumava freqüentar. Contando com o coro e a orquestra do Theatro, mais de 200 pessoas subiram ao palco para reviver o Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos, das mudanças arquitetônicas (conhecidas como Bota-Abaixo) que remodelaram a cidade – a própria construção do Teatro Municipal tem como origem essa renovação urbana – e da Revolta da Vacina, em 1904. No total, o elenco teve um coro de 90 vozes, 40 atores e uma orquestra com 90 músicos, além dos cinco solistas e de seis capoeiristas. A última ópera brasileira a estrear no Theatro Municipal foi A compadecida, de José Sigueira, em 1961.

Cena da Revolta da Vacina: momento memorável do espetáculo

A Revolta da Vacina é um dos pontos altos da ópera. Gestos vigorosos do maestro Silvio Barbato fazem a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal entrar no ritmo da capoeira. No palco, seis homens executam com destreza os golpes da luta herdada dos escravos de Angola. A cena inusitada, porém memorável, é uma das mais aplaudidas pelo público. Ela retrata o grupo de capoeiristas liderado por Prata Preta, considerado o último foco de resistência vencido pelas tropas do governo durante a revolta. O movimento rejeitava a vacinação obrigatória contra a varíola, prática defendida por Oswaldo Cruz. Além da Revolta da



Roda de capoeira retratando cultura popular do Rio de Janeiro no início do século 20

Veriala IVI



O regente Sílvio Barbato e cena da Revolta da Vacina

Vacina, O cientista também faz referência aos estudos de Oswaldo Cruz no Instituto Pasteur, de Paris, e toda a sua dedicação ao serviço público.

A figura de Oswaldo Cruz e suas campanhas de erradicação de doenças remetem às importantes transformações do Rio de Janeiro no início do século 20, implementadas pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos. Nesse contexto, a ópera *O cientista* "cumpre uma função que vai além da simples fruição e prazer, atributos próprios das manifestações artísticas. Traz à ribalta personagens que são exemplos permanentes para todos nós, em particular para líderes e autoridades públicas do Rio de Janeiro e do Brasil", resume Helena Severo.

O cenário criado por Marcelo Dantas se beneficiou do fato de que pela primeira vez em muitos anos foi possível contar com todos os recursos do palco do Municipal, o que incluiu os elevadores cênicos, que permitiram dar níveis diferenciados ao espetáculo. Outra novidade foi o uso de um espelho de 120 metros quadrados para efeitos especiais. Assim como oito ventiladores, que deram a impressão de ondas do mar. O cientista também contou com recursos como nove retroprojetores, que exibiram imagens de laboratório da época de Oswaldo Cruz. Entre os momentos de impacto estavam o apedrejamento da casa de Oswaldo Cruz e o enfrentamento entre capoeiristas e soldados do Exército, num dos últimos confrontos da Revolta da Vacina. O espetáculo, no entanto, não mostra a morte de Oswaldo Cruz. Ele apenas desaparece, em meio à luz.

Amigo de infância de dois bisnetos de Oswaldo Cruz (o fotógrafo Pedro e o falecido jornalista e crítico de gastronomia Apicius), Álvares foi um dos solistas da abertura das Olimpíadas de Munique, em 1972. Dono de uma carreira internacional, tendo passado muitos anos fora do Brasil, ele pretende fazer homenagem semelhante a essa de agora em memória de Oswaldo Cruz a dois outros célebres personagens nacionais: o aviador Santos Dumont e o cientista Carlos Chagas. A ligação com Apicius, aliás, rendeu um sem-número de citações nas colunas de gastronomia do jornalista: Álvares e esposa eram os famosos "sr. e sra. A" nos textos publicados no Jornal do Brasil.

Veja duas galerias de fotos da ópera no site da Agência Fiocruz de Notícias (www.fiocruz.br/ccs).

